



jornal de letras, artes e ideias

Ano VI n.º 223 De 13 a 19 de Outubro de 1986 Preço 60\$00 Semanalmente, às segundas-feiras Director José Carlos de Vasconcelos Director adjunto Luís Almeida Martins

O "salazarismo" em colóquio pág. 12/13



"A Cor Púrpura", êxito e polémica

Alice no país de Spielberg



Entrevista com Alice Walker, a autora do livro

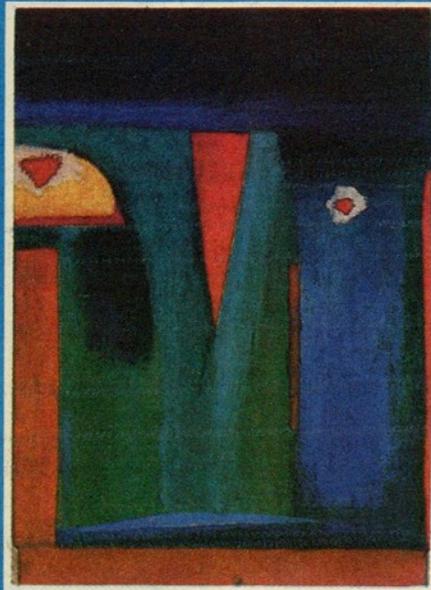


Críticas e depoimentos

págs. 6/8

Alice Vieira "A literatura juvenil é uma aventura"

Entrevista págs. 2/3

Veneza: a bienal em balanço pág. 16/17

As outras artes dos arquitectos

págs. 18/19

Publicações Projornal
Direcção de Edições
Carlos Cáceres Monteiro, Manuel
Beça Múrias e Pedro Rafael dos Santos
Direcção de Administração
António Gomes da Costa, Henrique
Segurado Pavão, José Silva Pinto
e Manuel da Silva Costa
Secretário-Geral
Manuel da Silva Costa



Director
José Carlos de Vasconcelos

Director Adjunto
e Chefe de Redacção
Luís Almeida Martins

Redactor Principal
Fernando Assis Pacheco

Conselho Editorial
Augusto Abelaira
e Jorge Listopad

Redactores, colunistas e colaboradores permanentes: Inês Pedrosa, Pedro Borges (coordenação da «Escolha»), Isabel Fragoso — Agustina Bessa Luís, Alexandre Melo, Alexandre O'Neill, Alexandre Pinheiro Torres, Amadeu Lopes Sabinho, António Barreto, António Cabrita, António Guerreiro, Arnaldo Saraiva, Baptista-Bastos, Bernardo Pinto de Almeida, Boaventura Sousa Santos, Carlos Câmara Leme, Carlos Jorge Pereira, Céu Neves, David Mourão-Ferreira, Diogo Freitas do Amaral, Eduardo Lourenço, Ernesto Melo Antunes, Fiama Hasse Pais Brandão, Fernando Dacosta, Francisco José Viegas, Gabriel García Márquez, Helena Vaz da Silva, João de Freitas Branco, Ilídio Rocha, João Maria de Freitas Branco, João Mário Grilo, João Pinharanda, João Rui de Sousa, João Carlos Patraquim, Jorge Pires, José Cardoso Pires, José Duarte, José F. Lourido, José Fernandes Fafe, José Manuel Pedreirinho, José Manuel G. Moreira, José Santandré, José Sesinando, Lidia Jorge, Luís Filipe Barreto, Luiz Fagundes Duarte, Luiz Francisco Rebello, M. A. Pina, Manuel João Gomes, Manuel Maria Carrilho, Manuel Pedro Ferreira, Maria da Glória Padrão, Manuel Rio Carvalho, Miguel Serras Pereira, Nuno Guedes, Onésimo Teotónio de Almeida, Paulo Varela Gomes, Regina Louro, Rogério Rodrigues, Rubem Braga, Rui Esteves, Rui Mário Gonçalves, Sílvia Chicó, Vasco Graça Moura.

Departamento Gráfico
João Segurado, José Pinto Nogueira, António Martins, Carlos Tavares e José Manuel da Nóbrega.

Departamento Fotográfico
Joaquim Lobo, Inácio Ludgero, Joaquim Bizarro e Pedro Múrias.

Sede da Redacção e Administração: Av. da Liberdade, 232 — r/c dt.º — 1298 LISBOA CODEX — Telefones: 574520/574593/574643. Telex: 18386.

Propriedade: Publicações Projornal, Lda.

Direcção de Administração e Serviços Comerciais: Rua Rodrigues Sampaio, 52, 2.º — 1100 Lisboa. Telefones: PPCA / 574744 / 540863 / 533761 / 535928.

Serviços de Publicidade: Telefones directos 536236 / 541663.

Delegação no Porto: Redacção e Publicidade — Rua Formosa, 187, 1.º, 4000 Porto. Telef. 384611.

Composto na Intergráfica — Publicidade e Artes Gráficas, Limitada
Rua Rodrigues Sampaio, 19-A, — 1298 LISBOA CODEX — Telefones: 574520 / 574593 / 574643.

Impresso na Renascença Gráfica, SARL.

Distribuição: Interpress — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda.

Exclusivos para Portugal: «Cambio 16» (Madrid), «Le Nouvel Observateur» (Paris), «Le Monde de l'Education» (Paris), «The Washington Post / Los Angeles Times News Service», Serviços das agências Anop, Dias da Silva e Europeia de Imprensa.

Assinaturas (pagamento adiantado) — Para qualquer parte do mundo: 52 n.ºs 2400\$00; 26 n.ºs 1200\$00; 13 n.ºs 600\$00.

Preço de venda nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira: 80\$00.

Tiragem média
do mês de Setembro
15 970 exemplares



REPÚBLICA
PORTUGUESA

Dep. Legal n.º 11 745/86

Letras

Entrevista

Alice Vieira:

“As crianças não devem ter apenas fadas e ninfas...”



Fotos de Joaquim Bizarro

«Melinda gosta de André Pequeno.» Foi assim que Alice Vieira começou por arrancar as palavras à sua velha Remington Portuguesa para a história do seu último livro, «Flor de Mel», ilustrado por Ivone Ralha e publicado pela Editorial Caminho. A propósito desta história e de todas as outras, o «JL» foi à descoberta do 6.º andar de um prédio de mosaicos azuis, na Avenida Luís Bivar. A autora de «Rosa, Minha Irmã Rosa» faz-nos entrar para um hall que, bem observado, tem algumas parecenças com um campo de basquetebol (com cestos a sério); depois há um corredor, e nele um jovem jogador sai em debandada pela porta da cozinha com uma bola saltitante nos pés, dribla aqui, dribla ali, e a banal alcatifa transforma-se magicamente num acolhedor relvado. Na sala, a mesa de jantar renuncia à sua clássica função para dar lugar a partidas de pingue pongue. Por todo o lado, os livros ocultam as paredes e num canto discreto, protegido por um biombo de tons claros, surge inesperadamente uma mesa de trabalho. Nela, a Remington, mais livros, canetas e papéis. Há postais e fotos colados à janela de vidro martelado. Duas cadeiras, uma delas de balouço (oferecida pelos seus filhos, André e Catarina), presenteiam os convidados, e no chão, prostrado e aparentemente esquecido, um boneco de pano. O jeito de Alice Vieira é vivo, gestual, é o jeito de alguém que sabe muito bem como contar uma história.

Jornal de Letras — Como e quando se aventurou na literatura juvenil?

Alice Vieira — Realmente fui uma aventureira e ainda continua a ser porque todos nós que escrevemos para jovens e crianças não sabemos muito bem o que isso é. As crianças são todas diferentes, não há uma criança-padrão, não há regras e não há ajuda por parte da crítica. Os críticos muito raramente falam de livros juvenis e infantis, dizem: «saiu mais um livro, é lindo é formidável» mas vê-se logo que não leram. Uma crítica que se debruçasse realmente e nos dissesse, enfim, o que está bem e o que está mal, não há, somos todos um pouco franco-atiradores nesta «coisa». Aventurei-me a isto porque senti uma necessidade muito pessoal, comecei tarde, já tinha trinta e tal anos, a minha filha devia ter na altura nove anos, mais ou menos, ela queixava-se de que não tinha nada para ler, e eu, que não gosto nada de ouvir as pessoas lamentarem-se, dei-tei mãos à obra. Foi assim que começou a aventura, eu escrevia e ela lia cada capítulo, foi um livro («Rosa, Minha Irmã Rosa») muito participado, foi um pouco feito a meias. Diverti-me muito a fazê-lo, fi-lo em 20 dias, foi o mais rápido, eu estava muito folgada — estava de férias — e nunca tinha feito nenhum. Foi uma coisa muito bonita. Ficou feito, olhei para aquilo e perguntei: «O que é que eu faço com isto?» Nessa altura era o Ano Internacional da Criança e a Caminho tinha instituído um concurso para o melhor livro para crianças. Peguei no livro, enviei-o e ganhei o prémio. A editora publicou-o, falou-se, vendeu-se, começa a engrenagem e eu continuei. Continuei porque me dá muito prazer e eu acho que a gente chega a uma certa idade em que já não tem pachorra para tudo, portanto temos de optar e seleccionar. Neste momento só faço aquilo que gosto de fazer. Escrever os livros é, com certeza, aquilo que eu gosto mais de fazer.

P. — O «Diário de Notícias» tem um suplemento chamado «O Catraio» ou é «O Catraio» que tem um suplemento chamado «Diário de Notícias»?

R. — Infelizmente, acho que o «Diário de Notícias» é que tem o suplemento chamado «O Catraio». A maior parte do meu tempo dedico-o ao jornal e, mesmo assim, ter «O Catraio» já foi uma luta minha, um produto de muita persistência e devo muito também ao Mário Mesquita, que sempre me apoiou nisso. Aquilo dá muito trabalho, sou só eu! Trabalho com escolas por todo o País, é tudo muito organizado, cada criança tem uma ficha... mas eu não pretendo fazer só um repertório dos textos e desenhos que os meninos mandam, quero também informar. É um trabalho que também me dá muito prazer. Tenho muita pena de que as máquinas do «DN» sejam um pouco... enfim velhotas. Os desenhos não saem como nós gostaríamos, só a duas cores... com a maquinaria que temos vamos fazendo o possível...

«Li livros horríveis»

P. — Mas a sua actividade jornalística não se resume ao «O Catraio»?...

R. — Estive dois anos na secção de Cultura e Espectáculos, hoje estou naquela que penso ser mais importante num jornal, que é a da Informação Geral, é a secção que vai a todas, como costumamos dizer. E aí que nós sentimos o que se passa à nossa volta, os problemas do dia-a-dia. Gosto de fazer reportagem, entrevistas, e acho que um jornalista que goste da sua profissão deve fazer de tudo. Evidentemente, não nego a necessidade de haver especialistas. Eu, no fundo, já pertença a esse jornalismo da velha guarda, que considerava que o repórter é fundamentalmente um grande jornalista e uma das grandes mágoas que tenho é que o nosso sindicato tenha tirado o repórter das categorias de jornalista... Custa-me muito ser classificada de jornalista de primeira, segunda ou terceira. Isso não me diz rigorosamente nada.

P. — Que tipo de literatura fez a sua juventude?

R. — Tenho ideia de que fui atraída para a literatura através de livros muito maus. Eu li livros horríveis, mas gostei tanto e fizeram-me

tão bem... Se me perguntar se os dei aos meus filhos, não, não dei, mas só não o fiz porque havia outros. Se eles me aparecessem em casa com esses livros eu acharia óptimo; mas repare: eu, para já, tive uma infância com pouco ou nenhum contacto com outras crianças e por isso tinha de me refugiar noutras coisas, e aquilo que me divertia eram os livros. Comecei a escrever cedo, aprendi sozinha (aliás, eu nem me lembro de mim sem saber ler e escrever), e portanto os livros era tudo o que eu apanhava. Ah! eu chorei tanto a ler romances de capa e espada, era uma coisa de que eu gostava muito...

O importante é a gente gostar de ler, porque depois vai-se seleccionando. E eu fui largando esses livros e lendo outras coisas, mas tenho a certeza de que aquilo que me levou a gostar de ler foram essas coisas muito más, as más adaptações de bons livros. Qual é a criança que leu o original de «Alice no País das Maravilhas» ou o original das «Viagens de Gulliver»? (que nem sequer é livro para crianças, está longe disso, é para adultos e com sérias reservas). As adaptações limitam-se ao fiozinho da história, mas enfim, seja o que for, é isso que nós vai abrindo caminho.

P. — O poeta faz-se aos dez anos?

R. — O poeta faz-se à medida que vai cres-



Fotos de Joaquim Bizarro
Alice Vieira: «Chorei tanto a ler livros de capa e espada!»

cendo, enriquecendo, à medida que vai tendo um conhecimento da vida, mas é fundamentalmente quando tem o contacto com os livros. Não digo que o devem ter quando nascem, mas pelo menos na altura em que têm brinquedos, como uma roca ou uma boneca. O livro também é um objecto. Para o poeta nascer aos dez anos é preciso ter tido uma infância rodeada de livros, de palavras, de sons e de histórias em voz alta.

«Não devemos superproteger as crianças»

P. — Escreve também «para os homens que nunca foram meninos»?

R. — Penso que sim, para as pessoas que tenham tido uma infância complicada, aqueles que nunca foram meninos, mas também para todos os que tenham tido uma infância feliz e que a queiram continuar (não é nada o meu caso). Escrevo «para os homens que nunca foram meninos», como dizia Soeiro Pereira Gomes, mas sobretudo para tentar que os meninos de hoje sejam meninos na altura certa. É uma coisa que me aflige, e já passaram alguns anitos desde os «Esteiros», mas ainda há muitos homens que nunca foram meninos e há meninos que nascem condenados a serem homens rapidamente.

No suplemento «O Catraio» vejo isso acontecer muitas vezes: crianças de escola que têm aptidões excelentes, mas depois têm de ir para o campo trabalhar mesmo antes da 4.ª classe, sem tempo para viverem a sua infância.

P. — Parece-me haver uma certa amargura em «Flor de Mel»: por exemplo, a ausência — que no início pode ser confundida com a morte — da mãe...

R. — É um pouco isso, há uma certa amargura, mas não devemos esquecer que as nossas crianças vivem num mundo de adultos, um mundo que ninguém lhes explica, ou muito raramente, portanto não devemos superprotegê-las nem colocá-las numa redoma, devemos sim, é dar-lhes armas para elas reagirem e tentarem viver o melhor possível dentro dessa anormalidade. Aqui há dias disseram-me mais ou menos o mesmo, que os meus temas eram muito adultos. Eu não sei se há temas adultos ou temas infantis, sei é que as crianças devem ser postas em contacto com a realidade, não de um modo forçado, evidentemente. Os meus livros, apesar de falarem de coisas de adultos, têm sempre um fim optimista, enfim, não quer dizer que riam às gargalhadas...

As fadas e o Pai Natal

P. — Não há, então, situações interditas a menores de 18?

R. — Não, sobretudo no que diz respeito à morte. As crianças têm muitas angústias sobre a morte, perguntam muito, por isso o melhor a fazer é tentar viver com elas esses problemas. Dizia-me que se pode confundir a au-

sência da mãe com a morte. É verdade, eu pensei muito nisso, mas também achei que seria forçado a mãe está já morta, e então, de-lhe essa ausência para a fazer regressar no fim. O problema da morte coloca-se muito no livro, numa certa altura diz-se: «De toda a parte se regressa, só da morte é que não.» A morte é como a vida, o nascimento, é um problema que temos de enfrentar.

P. — Escrevo para as crianças para que elas sintam que este País é a sua casa. Acha mesmo que existe um Portugal dos pequeninos?

R. — Quando eu digo isso não é nada por sentimentos patrioteiros, nem pouco mais ou menos, mas o facto é que vivemos neste país, que é bom, que é mau, não temos outro, é para ele que temos de preparar as nossas crianças e por isso eu digo que devemos fazê-las sentir que aqui é a sua casa, e habituá-las a situar-se, fazer saber que nós não nascemos há bocado, estamos aqui há muitos anos e não estamos por acaso... E vamos entender o que se passou antes para melhor percebermos o que se vai passar amanhã.

P. — O melhor do mundo são as crianças?

R. — O Fernando Pessoa que me desculpe, mas isso hoje é já uma frase feita. Quando ele a escreveu não era, mas hoje não há ninguém que o não diga, e o pior é que quem o diz são normalmente aqueles que menos se preocupam com as crianças. Acho que quem o sente (e eu sinto) não precisa de andar a dizê-lo aos quatro ventos. Os próximos homens e mulheres serão aquilo que nós fizermos das crianças de hoje, elas são o nosso melhor investimento, e no entanto as crianças são as mais maltratadas, esquecidas, ignoradas... São realmente muito pouco amadas neste país.

P. — Os contos de fadas são o ópio do pú-

blico infantil?

R. — Eu não poria a questão dessa maneira. O ópio é uma coisa que faz esquecer. Marx, quando se referiu ao ópio, dizia respeito à religião — aquilo que faz esquecer os problemas. Eu acho, pelo contrário, que os contos de fadas têm uma função catártica. Os contos maravilhosos são fundamentais para as crianças mais pequenas, ficam com a ideia de que as coisas não se adquirem facilmente; por exemplo: o príncipe, para ganhar a princesa, ou seja lá o que for, tem de matar não sei quantos dragões, atravessar não sei quantos infernos, em suma, têm muitas dificuldades para chegar ao que é bom, ao que é prometido. Também lhes provocam medos, mas são medos mansos que sentem na tranquilidade da sua casa. Os lobos, as madrastas, os feiticeiros surgem na segurança de uma mãe e de um pai que estão perto.

P. — Refuta então a «acusação» de Ilse Losa de que a Alice Vieira não apreciaria muito «fadas, ninfas, coelhinhos que falam e outras coisas mais do mesmo género»?

R. — O que eu acho é que as crianças não devem ter só isso, acho mal é essa exclusividade. Eu gosto muito de «fadas, ninfas, coelhinhos que falam e outras coisas mais», mas não é só alimentarmos as crianças com mel e am-

brósia, como se alimentavam os Deuses do Olimpo: um bom bifezinho de vez em quando também faz bem. Portanto, temos de dosear as coisas...

P. — Acredita no Pai Natal?

R. — Se calhar todos nós ainda acreditamos no Pai Natal, temos a ideia de que vai sempre acontecer algo de diferente no Natal; é porque no fundo acreditamos, mas concretamente... Não devemos brutalizar as crianças e dizer que o Pai Natal não existe, isso é de um racionalismo mais que condenado hoje em dia, as crianças na altura certa hão-de descobrir que o Pai Natal é... outro tipo de Pai Natal. Não se pode cortar o sonho. ■

Oito romances infantis

Alice Vieira, 43 anos, escritora, jornalista no «Diário de Notícias» (coordena o suplemento infantil «O Catraio»), é autora de «Rosa Minha Irmã Rosa» (Prémio de Literatura Infantil da Editorial Caminho/1979), «Lote 12, 2.º Frente» (1980), «A Espada do Rei Afonso» (1981), «Chocolate à Chuva» (1982), «Este Rei que Eu Escolhi» (Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura Infantil de 1983), «Graças e Desgraças de El-Rei Tadinho» (1984), «Águas de Verão» (1985), e «Flor de Mel» (1986). ■